



---

## **Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros**

Márcia Cristina de Brito Rumeu (UFMG)

**RESUMO:** Descrevem-se as estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em sentenças finitas e não-finitas de jornais lusitanos e brasileiros da contemporaneidade do português e confrontam-se os preceitos da gramática tradicional e dos manuais de redação da imprensa brasileira com os dados reais de indeterminação do sujeito produtivos em textos midiáticos. No português brasileiro, os resultados evidenciam, nas sentenças finitas, um quadro mais diversificado de estratégias, contemplando as formas 'a gente' e 'você'. Nas sentenças infinitivas, a indeterminação se efetiva preferencialmente sem o 'se' nas duas variedades do português.

**Palavras-chave:** Sujeito de referência indeterminada; imprensa midiática lusitana e brasileira; norma culta brasileira.

### **Introdução**

Neste estudo, descrevem-se e analisam-se as estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo na produção escrita das imprensas lusitana e brasileira da contemporaneidade. Compara-se o que as gramáticas tradicionais e os manuais de redação da imprensa brasileira prescrevem em relação às estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em sentenças finitas e em sentenças não-finitas e o que o indivíduo letrado efetivamente produz, buscando detectar diferenças entre o português brasileiro (doravante PB) e o português europeu (doravante PE).

Os dados deste trabalho foram extraídos de crônicas e artigos de opinião publicados por jornais lusitanos e brasileiros, perfazendo um total de quarenta textos confeccionados no período de 2002 a 2005. Com o intuito de equilibrar as amostras, selecionaram-se vinte textos dos jornais cariocas *O Globo* e o *Jornal do Brasil* e vinte textos dos jornais lisboetas *Diário de Notícias*, *Expresso*, *Correio da Manhã*.

Julgam-se como estratégias pronominais de indeterminação do argumento externo do verbo as ocorrências do verbo na 1ª e 3ª pessoas do plural e na 3ª pessoa do singular com os pronomes *nós*, *eles*, *a gente* e *você* (*expressos ou não*) e os dados do pronome *se*. Este estudo partirá da análise de tais estratégias de indeterminação distribuídas em sentenças finitas e não-finitas, uma vez que a norma gramatical aconselha o uso dos mecanismos de indeterminação *eles* e *se* em sentenças finitas e desaconselha o emprego de qualquer estratégia de

indeterminação em sentenças não-finitas, entendendo que o infinitivo é por si só indeterminador.

As hipóteses a serem testadas na análise são as seguintes: (a) No que se refere às estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo, é esperada, na amostra de textos do PB, uma concorrência entre o *nós* e o *se*, conforme os resultados de Cavalcante (1999) para a imprensa carioca dos séculos XIX e XX; (b) Com relação às *sentenças finitas* com *se*, deseja-se confirmar que, no PB, a não-concordância verbal com o argumento interno<sup>1</sup> no plural seja um fenômeno crescente a evidenciar o uso do *se* indeterminador. Já no PE, espera-se que a concordância verbal com o argumento interno no plural em *sentenças finitas* com *se* seja um traço da norma escrita lusitana; (c) O uso do *se* em *sentenças não-finitas*, mais especificamente em sentenças com o infinitivo verbal, apresenta-se como uma estratégia de indeterminação do argumento externo não admitida pela gramática tradicional, o que pode constituir uma evidência de uma mudança de parâmetro na direção do preenchimento do sujeito pronominal no PB<sup>2</sup>, conforme Duarte (1995), (1996).

A fim de testar a aplicabilidade dessas hipóteses, os dados de indeterminação do argumento externo do verbo foram quantificados e submetidos ao pacote de programas Goldvarb para o cálculo das suas frequências de uso nas amostras do PE e do PB. Os resultados da análise descritivo-analítica se deram em função dos seguintes grupos de fatores lingüísticos que, por sua vez, já subsidiaram estudos sobre o sujeito de referência indeterminada com base na língua escrita, conforme Cavalcante (1999), Duarte *et alii* (2002): (1) o tipo de sentença – finita ou não-finita (infinitivo ou gerúndio), (2) a representação da estratégia de indeterminação (nula ou plena), (3) o tipo sintático da oração (oração raiz (oração principal), orações completivas de verbo, de adjetivo e de nome<sup>3</sup>, orações adverbiais e orações coordenadas), (4) a concordância ou não concordância entre o verbo e o argumento interno do verbo no plural em sentenças finitas com o *se* e (5) a presença ou ausência de preposição em sentenças não-finitas com o *se*. Co-relacionaram-se ainda os dados de indeterminação do argumento externo do verbo a um grupo de fatores extralingüístico: a procedência dos dados (PE ou PB).

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentam-se as considerações das gramáticas e dos manuais de redação da imprensa brasileira acerca das estratégias de indeterminação do sujeito; no segundo momento, são apresentados os resultados gerais em relação à produtividade das formas de indeterminação do argumento externo nos jornais portugueses e brasileiros, especificando, no terceiro e quarto momentos da análise, tais resultados nos contextos de sentenças finitas e não-finitas. Ao fim, são feitas algumas breves considerações sobre os resultados deste trabalho e a força do discurso tradicional consolidado nas gramáticas normativas do português e nos manuais de redação da imprensa brasileira.

---

<sup>1</sup> Sobre a noção de argumento interno, ler o capítulo ‘Complementação’ produzido por Cyrino, Nunes e Pagotto e publicado na *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009, p. 47-95. Para a distinção entre argumento externo e argumento interno, ver Williams (1981), Marantz (1984) e Mioto *et alii* (2007).

<sup>2</sup> O parâmetro “pro-drop” foi proposto por Chomsky (1981) para interpretar as distinções entre línguas capazes de licenciar ou não o sujeito nulo. Para melhor entender tal noção em relação ao português brasileiro, ler Duarte (1995), (1996).

<sup>3</sup> Entenda-se por *orações completivas de verbo* e de *nome* as tradicionais *orações subordinadas substantivas* e por *orações completivas de adjetivo* as tradicionais *orações subordinadas adjetivas*, conforme a análise de Mira Mateus *et alii* (2003) em sua *Gramática da língua portuguesa*.

## 1. As estratégias de indeterminação do sujeito à luz de preceitos normativos.

Este estudo toma por ponto de partida as considerações de base normativista consubstanciadas em gramáticas produzidas por renomados gramáticos da língua portuguesa tais como Rocha Lima (2001[1972]), Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2001).

No que se refere aos ditames gramaticais, observa-se que, em sentenças finitas, os gramáticos do português são unânimes em se restringir a duas estratégias de indeterminação do sujeito em português, quais sejam *o uso do verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a um antecedente no plural*, como se observa em (01) e (02), e *o uso do verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula se desde que o verbo seja intransitivo ou traga complemento preposicional*, como se observa em (03) e (04), conforme Rocha Lima (2001[1972]:235).

(01) Falam mal daquela moça.

(02) Mataram um guarda.

(03) Vive-se bem aqui.

(04) Precisa-se de professores.

O gramático Evanildo Bechara (2001:22/23) expõe um contexto em que se pode ter o verbo na 3ª pessoa do singular ou do plural sem referência alguma ao referente textual a retomá-lo, como se constata em (05).

(05) Diz que o fato não aconteceu assim. (Diz=Dizem)

Com relação à indeterminação do sujeito em sentenças não-finitas do português, observa-se a expressão do *infinitivo impessoal* como uma forma nominal do verbo *que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical*, segundo Cunha e Cintra (1985:473;480), como se observa em (06) e (07), o que restringe o emprego do se às construções gerundivas precedidas pela preposição em, como se verifica em (08).

(06) Se criar é criar-se, cantar é ser. (E. Moura, IP, 187.)

(07) Amar é a eterna inocência. (F. Pessoa, OP, 139.)

(08) Em se lhe dando corda, ressurgia nele o tagarela da cidade. (Monteiro Lobato, U, 127.)

À luz dos preceitos gramaticais, os manuais de redação da imprensa brasileira se guiam, funcionando como o referencial normativizador da produção escrita do jornalista brasileiro. Neste trabalho, os manuais de redação em análise são o *Manual de Redação e Estilo do Jornal O GLOBO*, o *Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo* e o *Manual de Redação da Folha de São Paulo*. É interessante observar como os manuais de redação se mostram inspirados no discurso prescritivista em relação ao uso do se em sentenças finitas e não-finitas do português:

“É preciso cuidado para não confundir o se da voz passiva com o se símbolo de indeterminação do sujeito. Neste segundo caso, o verbo está sempre na terceira pessoa do singular: ‘Precisa-se de casas’.”

(GARCIA, 2005, p. 89.);

“Não se usa o pronome se: (...)3- quando não tem função alguma na oração: É preciso pensar (e não ‘pensar-se’) nisso./É preciso cogitar (e não ‘cogitar-se’) desse caso.”

(MARTINS FILHO, 2005, p. 261.);

“Não se use o se com infinitivo: ‘Para se obter bons resultados.’ ‘Para se estudar bem esses casos.’ O se é absolutamente dispensável nesses casos: ‘Para obter bons resultados.’ ‘Para estudar bem esses casos.’”

(Manual da redação: Folha de São Paulo – São Paulo: Publifolha, 2005, p.139.)

Trabalhos lingüísticos com base na língua escrita também constituíram o referencial teórico deste estudo. São eles: (a) o de Cavalcante (1999) sobre as estratégias de indeterminação do sujeito na imprensa carioca dos séculos XIX e XX; (b) o de Duarte e Lopes (2002) sobre as formas de indeterminação do sujeito em jornais brasileiros do século XIX e (c) o de Nunes (1990) sobre construções com *se* indeterminador e apassivador na sincronia e na diacronia.

Consideram-se os trabalhos com base na língua escrita e os de base normativista como a explicitação do *status questione* que fundamentará este estudo descritivo-analítico acerca das estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros da contemporaneidade.

## **2. As estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em textos jornalísticos portugueses e brasileiros.**

Analisa-se, com base na tabela 1, a relação entre estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo, tanto nas sentenças finitas, quanto nas não-finitas, e as suas formas de representação (*nula* ou *plena*), em textos jornalísticos do PE e do PB. Nessa primeira seção do trabalho, apresenta-se a distribuição geral das estratégias de indeterminação em *sentenças finitas* e *não-finitas* (*infinitivas* e *gerundivas*) dos textos midiáticos do PE e do PB, preferindo-se somente expor os resultados em relação ao *zero* como a evidência da ausência de *se* nas *sentenças não-finitas*. A discussão desses dados de ausência de *se* em *sentenças não-finitas* do PE e do PB será retomada na seção 4.1 desta investigação.

REPRESENTAÇÃO PRONOMINAL	ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO ARGUMENTO EXTERNO DO VERBO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DO PORTUGUÊS EUROPEU						
	SE	NÓS	ELES	ZERO (AUSÊNCIA DE ESTRAT. EM SENTENÇAS NÃO-FINITAS)	TOTAL		
NULA	-	19/20 (90%)	01/01 (100%)	26/26 (100%)	46/112 (41%)		
PLENA	65/65 (100%)	01/20 (10%)	-	-	66/112 (59%)		
TOTAL	65/112 (58%)	20/112 (18%)	01/112 (01%)	26/112 (23%)	112/112 (100%)		
REPRESENTAÇÃO PRONOMINAL	ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO ARGUMENTO EXTERNO DO VERBO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO						
	NÓS	SE	A GENTE	VOCÊ	ELES	ZERO (AUSÊNCIA DE ESTRAT. EM SENTENÇAS NÃO-FINITAS)	TOTAL
NULA	40/42 (95%)	-	-	-	03/03 (100%)	60/60 (100%)	103/152 (68%)
PLENA	02/42 (05%)	40/40 (100%)	03/03 (100%)	04/04 (100%)	-	-	49/152 (32%)
TOTAL	42/152 (28%)	40/152 (26%)	03/152 (02%)	04/152 (03%)	03/152 (02%)	60/152 (39%)	152/152 (100%)

Tabela 1: Distribuição das estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em relação à sua representação *nula* ou *plena* em textos jornalísticos do PE e do PB.

No PE, é expressivo o predomínio de *se*, com 58% de ocorrências, seguido de *nós*, 18%, e *eles* com 01%. No PB, a competição entre *nós* e *se* é clara: 28% e 26%, respectivamente. As ocorrências de *a gente* e *você*, as formas preferidas na fala, são inexpressivas na escrita, 02% e 03%, respectivamente. No PE e no PB, as legítimas formas pronominais de 1ª e de 3ª pessoas do plural (*nós* e *eles*) apresentaram-se, como já se esperava, como estratégias pronominais não expressas (*nulas*). Como os estudos linguísticos com base na língua falada revelam a preferência por sujeitos pronominais plenos a partir do século XX, conforme Duarte (1995), entende-se que as amostras de textos das imprensas portuguesa e brasileira tenham evidenciado as formas pronominais *nós* e *eles* como estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo preferencialmente *nulas*, impulsionadas pelo caráter conservador da língua escrita. Confirmando tal conservadorismo da escrita do PB, as formas pronominais *nós* e *eles* apresentam-se quase categoricamente vazias (*não expressas*), à exceção dos pronomes *a gente* e *você*, que, apesar da baixíssima frequência de uso na língua escrita (02% e 03%, respectivamente), apresentaram-se como estratégias de indeterminação plenas (*expressas*).

### 3. As sentenças finitas

#### 3.1. As estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em sentenças finitas.

Observem-se, a partir dos gráficos 1 e 2, as estratégias pronominais de indeterminação do argumento externo do verbo produtivas nas sentenças finitas de textos jornalísticos portugueses e brasileiros.

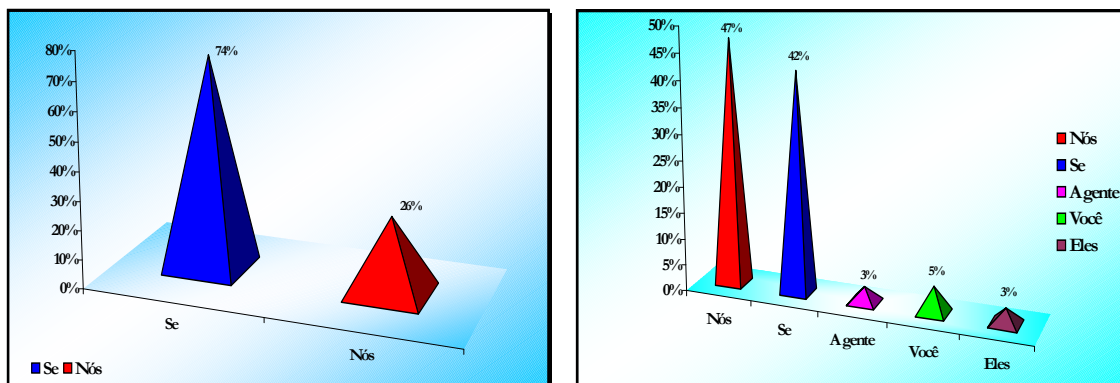


Gráfico 1: Estratégias de indeterminação na imprensa portuguesa. Gráfico 2: Estratégias de indeterminação na imprensa brasileira.

A análise dos gráficos 1 e 2 evidencia o predomínio de *se*, nos textos produzidos pela imprensa portuguesa, e a nítida competição entre as formas *se* e *nós* para indeterminar o argumento externo do verbo nos textos confeccionados pela imprensa brasileira.

Na amostra de textos jornalísticos portugueses, constata-se que o pronome *se*, nas sentenças finitas, lidera com 74% da preferência dos jornalistas lusitanos, seguido pelo pronome *nós* que, com uma frequência de uso de 26%, também se apresenta como uma estratégia de indeterminação produtiva no *corpus* em estudo, como se observa em (09) e (10), respectivamente.

(09) Agora, neste mundo em guerra contra o terrorismo e fortemente abalado por uma série de catástrofes naturais terríveis, as divisões entre a esquerda e a direita passam cada vez mais pela forma como se encara e se pretende combater ou não a barbárie que mata e destrói em nome de Alá e do Islão. (Estado do Sítio. A guerra do milénio. António Ribeiro Ferreira. Diário de Notícias, 12.09.2005.)

(10) É um eclipse anular do Sol que atravessa o norte de Portugal e pode ser visto em todo o país. Ao contrário de eclipses parciais a que temos assistido este evento não poderá passar desapercibido. (A caminho do eclipse. Nuno Crato. Jornal Expresso, 18.08.2005.)

A concorrência entre as formas de indeterminação *nós* e *se* se mostrou acirrada nos textos da imprensa portuguesa tal como ocorre em relação às estratégias de indeterminação na imprensa carioca dos séculos XIX e XX, cf. constatado por Cavalcante (1999) e por Duarte e Lopes (2002), no que se refere às cartas de leitores e redatores da imprensa brasileira oitocentista. O pronome *nós*, com 47% de frequência de uso, lidera, nas sentenças finitas, sendo seguido pelo pronome *se* que, com 42%, também se apresenta como uma estratégia de indeterminação funcional na amostra em questão, conforme se verifica em (11) e (12), respectivamente.

(11) Se **somarmos** todos os deputados eleitos pela coalizão PT/PL (117) com os dos prováveis aliados do PC do B, PV, PPS, PSB e PDT **chegaremos** ao total de 192 parlamentares. Tendo a Câmara 513 membros, **estamos**, portanto, bem longe da maioria simples (256) e mais ainda da maioria de dois terços exigida para mudanças constitucionais. (Depois da Eleição. Newton Rodrigues. *Jornal do Brasil*, 01.11.2002.)

(12) O raio verde é um fenômeno de refração atmosférica que **se** observa, quando menos **se** espera, no pôr-do-sol, ao nível do mar, durante dois ou três segundos. É preciso que a tarde seja clara, transparente, sem bruma. Quando o disco solar mergulha no horizonte marinho, deixando à mostra só uma estreita linha de fogo, prestes a se apagar, vê-**se** nesse exato momento um clarão verde que brilha sobre a face das águas como uma esmeralda. (Como esses primitivos. Luís Edgar de Andrade. *Jornal do Brasil*, 02.06.2003.)

A comparação entre os gráficos 1 e 2 evidencia que, na amostra de textos do PB, tem-se um quadro de estratégias de indeterminação bem mais diversificado (*se, nós, eles, você e a gente*)<sup>4</sup> do que na amostra de textos da imprensa portuguesa (*se e nós*). O uso da 3ª pessoa do plural (*eles*) assume, nas sentenças finitas do PB, baixíssimas frequências de uso com 02 ocorrências (03% dos dados), como se observa em (13). As formas pronominais *você e a gente*, como é possível constatar em (14) e (15), também com baixas frequências de uso de 05% e 03% dos dados, respectivamente, apresentam-se como inovadoras estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo já detectadas por Cavalcante (1999) na imprensa carioca do século XX, entre os períodos de 1964 a 1968 e 1996 a 1998, e que parecem estar em processo de implementação na escrita do PB.

(13) Campanha eleitoral em ebulição, Brasil debatendo-se no abraço de afogado dos vizinhos, Bush **versus** o resto do mundo, violência urbana chegando a nossa porta, tanto ruído em volta e haverá ouvido para as árvores? Pois em nome de um purismo paisagístico, **estão derrubando** as amendoeiras da Rua Paissandu. (À sombra das palmeiras imperiais. Fuad Atala. 16.08.2002.)

(14) Assim, saber o que vai acontecer, nos próximos anos, a nós, ao nosso assediado real e a nossa economia sob nova direção, depende do analista que **você** lê. (O que vem por aí. Veríssimo. *Jornal O GLOBO*, 04.10.2002.)

(15) *Fiz quase o mesmo percurso numa madrugada destas e não aconselho a ninguém correr tal risco, porque **a gente** vê a presença do crime no vazio deixado por uma população amedrontada e pela completa ausência do poder público. (A mentira alimenta o crime. Denise Frossard. *Jornal do Brasil*, 06.03.2004.)*

---

<sup>4</sup> Berlinck *et alii* (2009:132) detectaram, no PB falado culto, as seguintes estratégias para representar o sujeito de referência indeterminada ou arbitrária em sentenças finitas: “o uso de *se*, o uso de formas pronominais nominativas, nulas ou expressas: *nós, a gente, você, uma estrutura com o verbo na terceira pessoa do singular, sem qualquer marca de indeterminação e, mais raramente, o uso de eu e uma ocorrência de tu na fala de Porto Alegre.*”

TIPO SINTÁTICO	ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO ARGUMENTO EXTERNO DO VERBO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DO PORTUGUÊS EUROPEU		
	SE	NÓS	TOTAL
RAIZ	39 (68%)	15 (75%)	54 (71%)
RELATIVAS	13 (23%)	03 (15%)	16 (21%)
ADVERBIAIS	-	01 (05%)	01 (01%)
COMPLETIVAS	05 (09%)	-	05 (06%)
COORDENADAS	-	01 (05%)	01 (01%)
TOTAL	57/77 (74%)	20/77 (26%)	77/77 (100%)

TIPO SINTÁTICO	ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO ARGUMENTO EXTERNO DO VERBO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO					
	NÓS	SE	VOCÊ	A GENTE	ELES	TOTAL
RAIZ	26 (62%)	25 (68%)	02 (50%)	-	02 (67%)	55 (61%)
RELATIVAS	06 (14%)	07 (19%)	02 (50%)	-	-	16 (17%)
ADVERBIAIS	09 (22%)	05 (13%)	-	01 (33%)	-	15 (20%)
COMPLETIVAS	01 (02%)	-	-	02 (67%)	-	02 (02%)
TOTAL	42/88 (47%)	37/88 (42%)	04/88 (05%)	03/88 (03%)	02/88 (03%)	88/88 (100%)

Tabela 2: Estratégias pronominais de indeterminação do argumento externo do verbo em textos jornalísticos portugueses e brasileiros.

A análise da tabela 2 revela a distribuição das estratégias pronominais de indeterminação do sujeito pelos tipos sintáticos oracionais. O *se* e o *nós*, estratégias de indeterminação em concorrência no *corpus* do PE, distribuíram-se entre praticamente todos os contextos sintáticos em discussão neste trabalho, como se observa de (16) a (19), apresentado maiores frequências de uso em sentenças do tipo raiz, com (68%) e (75%), e nas relativas, com (23%) e (15%), respectivamente.

Contexto Sintático: oração do tipo raiz.

(16) E não se julgue que são apenas razões de comércio que explicam este vazio. (Recuperar a memória. Jorge Leitão Ramos. Jornal Expresso, 07.09.2005.)

(17) Veremos como ficarão na fotografia os outros intervenientes. (Uma excelente lei. Nicolau Santos. Jornal Expresso, 18.04.2005.)

Contexto Sintático: oração relativa.

(18) Segundo os seus estatutos, a Clinton Foudation tem por missão ajudar pessoas, seja nos EUA, seja no resto do mundo, a fortalecer as suas capacidades, para que possam fazer face aos desafios que se lhes apresentam na sua vida quotidiana. (Os caminhos da filantropia. Fátima Monteiro. Jornal Expresso, 18.07.2005.)

(19) Mais: ao colocar como protagonistas personagens populares de uma fauna lisboeta que cada vez mais só existe no imaginário da cidade (é bem certo que os manguelas e as domésticas são espécies em vias de extinção...) o referido «spot» não procura nenhum mecanismo de identificação do espectador, nenhum desejo de ser como aqueles que vimos no ecrã, de os imitar ou seguir. (É já a seguir. Jorge Leitão Ramos. Jornal Expresso, 03.08.2005.)

Na amostra de textos jornalísticos do PB, verifica-se que o *nós* e o *se* assumiram maiores frequências de uso, em sentenças do tipo raiz, com 62% e 68%, nas orações



adverbiais, com 22% e 13% e, nas orações relativas, com 14% e 19%, respectivamente, como se observa de (20) a (22).

Contexto Sintático: oração do tipo raiz.

(20) O que ninguém sabe é se um programa desses não acaba empregando o filho e desempregando o pai. Só **se** vai saber, quando ele existir. (A tradição petista é um bom caminho. Elio Gaspari. Jornal O GLOBO, 26.03.2003.)

Contexto Sintático: oração relativa.

(21) Participaram dela não sócio-atletas, sem custo – milhares de americanos morreram em guerras longe das suas fronteiras, e a Guerra Civil americana foi uma das mais selvagens e destrutivas de que **se** tem notícia – mas sem que um tiro de país inimigo os atingisse em casa. (Onze dos nove (três). Veríssimo. Jornal O GLOBO, 12.09.2002.)

Contexto Sintático: oração adverbial.

(22) E mudaremos outra vez os versos do poeta: “Vice-presidentes, melhor não tê-los. Quando os **temos**, volta e meia entendemos por que seria melhor passar sem eles.” (Macielmente. Luiz Garcia. 02.06.2003.)

A forma pronominal *a gente* apresentou uma única ocorrência como uma *oração adverbial* (33%) e duas ocorrências (67%) na ambiência sintática de *oração completiva de verbo*, como se verifica de (23) a (25). Observe-se ainda o fato de que há uma ocorrência de *a gente*, em (25), que tanto pode ser entendida como oração completiva, quanto como uma construção relativa. Nesta análise, optou-se por considerá-la como uma sentença que funciona como um argumento interno oracional que complementa o predicador da oração raiz (*fazer*).

Contexto Sintático: oração adverbial.

(23) Fiz quase o mesmo percurso numa madrugada destas e não aconselho a ninguém correr tal risco, porque **a gente** vê a presença do crime no vazio deixado por uma população amedrontada e pela completa ausência do poder público. (A mentira alimenta o crime. Denise Frossard. Jornal do Brasil, 06.03.04.)

Contexto Sintático: oração completiva de verbo.

(24) Quem sabe se ao colocar luz nas trevas por onde andam os governos do Rio, **a gente** não consegue encontrar um caminho de solução? (A mentira alimenta o crime. Denise Frossard. Jornal do Brasil, 06.03.04.)

(25) A irritação com os EUA pode estar de volta, nula cortesia de George W., o político que não falha: sempre acaba fazendo o que **a gente** mais temia. (A Falta que faz o general. Luiz Garcia. Jornal O GLOBO, 12.09.2002.)

O pronome *você* assumiu uma distribuição equilibrada dentre as construções sintáticas do tipo raiz (02 dados) e as construções relativas (02 dados) como se observa de (26) a (29).

Contexto Sintático: oração do tipo raiz.

(26) Volta-se a Nova York com a certeza de reencontrar caras conhecidas na TV, o clube preferido para ouvir jazz no mesmo lugar e o pastrami com o mesmo gosto. Curiosamente, a

cidade que é o símbolo internacional de dinamismo urbano gosta de cultivar a permanência, e preserva os seus hábitos e os seus mitos como qualquer lugarejo. Há mudança constante, claro. **Você** pode descobrir que não só o restaurante como o prédio inteiro não está mais no lugar que você lembrava. (Onze do nove (um). Veríssimo. Jornal O GLOBO, 10.09.2002.)

(27) Pense em jogadores mal se equilibrando sobre saltos agulha, impossibilitados de correr, chutar e principalmente dividir bolas e arriscar seus sapatos caros, e **você** estará pensando também em partidos políticos que acreditaram demais em pesquisa. (Melada. Veríssimo. Jornal O GLOBO, 03.10.2002.)

Contexto Sintático: oração relativa.

(28) Assim, saber o que vai acontecer, nos próximos anos, a nós, ao nosso assediado real e a nossa economia sob nova direção, depende do analista que **você** lê. (O que vem por aí. Veríssimo. Jornal O GLOBO, 04.10.2002.)

(29) Você pode descobrir que não só o restaurante como o prédio inteiro não está mais no lugar que **você** lembrava. (Onze do nove (um). Veríssimo. Jornal O GLOBO, 10.09.2002.)

O pronome *eles* assumiu baixíssimas frequências de uso nos *corpora* de jornais em análise, atingindo índices percentuais de 02% dos dados (02 ocorrências) nas sentenças finitas do PB. As duas únicas ocorrências de tal pronome indeterminador no *corpus* de jornais brasileiros se deram em sentenças do tipo raiz, como se observa em (30) e (31).

Contexto Sintático: oração do tipo raiz.

(30) Campanha eleitoral em ebulição, Brasil debatendo-se no abraço de afogado dos vizinhos, Bush versus o resto do mundo, violência urbana chegando a nossa porta, tanto ruído em volta e haverá ouvido para as árvores? Pois em nome de um purismo paisagístico, **estão derrubando** as amendoeiras da Rua Paissandu. (À sombra das palmeiras imperiais. Fuad Atala. 16.08.2002.)

(31) Outro dia, **perguntaram** ao porta-voz do Departamento de Estado o que a Casa Branca achava de Lula ter almoçado com Chavez. (Petróleo solto, arroz grudento. 12.09.2002.)

Na amostra de textos jornalísticos do PE, verificou-se somente uma única ocorrência do pronome *eles* não expresso, em uma sentença não-finita do tipo raiz a ser apresentada em (38), na seção 4.1 deste trabalho, destinada a discutir as estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo produtivas nas sentenças não-finitas.

### **3.2. As relações de concordância ou não-concordância entre o verbo e o argumento interno no plural em construções finitas com *se*.**

Nas construções finitas com *se*, atentou-se para as relações de harmonia ou desarmonia sintática entre o verbo e o argumento interno no plural com o intuito de verificar a produtividade do *se* indeterminador a partir da relação de não-concordância com o argumento interno no plural, já que esse é um fenômeno variável, segundo Nunes (1990), desde o século XVI.

TEXTOS JORNALÍSTICOS	A RELAÇÃO DE CONCORDÂNCIA OU NÃO-CONCORDÂNCIA ENTRE O VERBO E O ARGUMENTO INTERNO NO PLURAL EM SENTENÇAS FINITAS COM “SE”	
	PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA C/ARG. INTERNO NO PLURAL	AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA C/ARG. INTERNO NO PLURAL
AMOSTRA DO PE	19/19 (100% DE CONCORDÂNCIA)	-
AMOSTRA DO PB	03/03 (100% DE CONCORDÂNCIA)	-

Tabela 3: A relação de concordância ou não-concordância entre o verbo e o argumento interno no plural em sentenças finitas com *se* nos jornalísticos do PE e do PB.

Na amostra de textos jornalísticos do PE, observou-se que, em dezenove ocorrências, isto é, em 100 % dos dados, foi efetivada a relação de concordância entre o verbo transitivo direto e o argumento interno no plural, como se nota em (32). Parece confirmar-se a hipótese de que o respeito à relação de concordância entre o verbo e o argumento interno no plural, em sentenças finitas com o *se* apassivador, constitua um traço da norma culta escrita da imprensa portuguesa contemporânea, apesar do baixo número de ocorrências de tal construção sintática (19 ocorrências com 100% de concordância).

(32) Cavaco Silva é o candidato presidencial da direita portuguesa. Um candidato que foi primeiro-ministro durante uma década, que perdeu umas presidenciais e que primeiramente se afastou, durante anos, da vida política. Sobre o que actualmente pensa sobre o país, nada se sabe. As suas propostas para estas eleições são uma incógnita. **Desconhecem-se os seus apoiantes**, para além dos partidários. Cavaco diz que ficará calado até as autárquicas. Mas, previsivelmente, **fabricam-se apoios**, **fazem-se e analisam-se sondagens**, **escrevem-se artigos**. (Raramente tem dúvidas? Cjoana Amaral Dias. Diário de Notícias, 12.09.2005.)

Por outro lado, na amostra de textos jornalísticos do PB, constatou-se que, em 03 ocorrências (100 % dos dados), a relação de concordância entre o verbo transitivo direto e o seu argumento interno no plural foi integralmente estabelecida, como se verifica em (33).

(33) Depois da afirmação dos direitos de liberdade, dos direitos políticos e dos direitos sociais, hoje avançamos em nova **geração de direitos que se afirmam** diante das ameaças à vida, à liberdade e à segurança, que provém do crescimento cada vez mais rápido, irreversível e incontrolável, do progresso técnico. (Ciência e consciência. Marco Maciel. Jornal O GLOBO, 27.10.2002.)

Constata-se que, no conjunto de textos da imprensa brasileira em análise, não foram recorrentes as construções com verbo transitivo direto e o argumento interno no plural. Nos poucos casos em que tal construção sintática se deu com o *se*, nas sentenças finitas, observou-se a aplicação da regra de concordância entre o verbo e o argumento interno no plural com o *se* apassivador.

#### 4. As sentenças não-finitas

#### 4.1. As estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em sentenças não-finitas.

A análise das noventa e sete *sentenças não-finitas* (34, no PE, e 63, no PB), respectivamente, permite tecer algumas considerações, com base na tabela 4, acerca da indeterminação do argumento externo do verbo nas amostras de textos jornalísticos do PE e PB.

PRESEÇA/ AUSÊNCIA DE “SE”	PRESEÇA OU AUSÊNCIA DE “SE” EM SENTENÇAS INFINITIVAS E GERUNDIVAS NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS DO PORTUGUÊS EUROPEU E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO					
	PE		TOTAL	PB		TOTAL
	SENTENÇAS INFINITIVAS	SENTENÇAS GERUNDIVAS		SENTENÇAS INFINITIVAS	SENTENÇAS GERUNDIVAS	
PRESEÇA DE “SE”	07/33 (21%)	01/01 (100%)	08/34 (24%)	02/63 (03%)	01/02 (50%)	03/63 (05%)
AUSÊNCIA DE “SE” (“Zero” cf. tabela 1)	<b>26/33</b> <b>(79%)</b>	-	26/34 (76%)	<b>59/63</b> <b>(97%)</b>	01/02 (50%)	60/63 (95%)
TOTAL	33/34 (97%)	01/34 (03%)	34/34 (100%)	61/63 (97%)	02/63 (03%)	63/63 (100%)
	34/34 (100%)			63/63 (100%)		

Tabela 4: Presença ou ausência de *se* em sentenças infinitivas e gerundivas nos textos de jornais do PE e do PB.

Nas amostras de textos jornalísticos do PE e do PB, a indeterminação do discurso *se* deu, preferencialmente, sem o *se*, nas sentenças não-finitas, apresentando freqüências de uso de 79% e 97%, respectivamente. Tal estratégia de indeterminação do agente em sentenças não-finitas do português está em harmonia com o que estabelece a gramática normativa em relação ao infinitivo não controlado por antecedente explícito, expondo o infinitivo verbal como o mecanismo responsável por dar o tom de impessoalidade aos textos jornalísticos em análise. Ilustra-se, em (34) e (35), a indeterminação do argumento externo do verbo em sentenças infinitivas sem o *se* nas amostras do PE e do PB em estudo.

(34) É necessário Ø **lembrar** o que se passa na Madeira em matéria de descontrole orçamental e de uma administração pública pletórica? (Uma excelente lei. Nicolau Santos. Jornal Expresso, 18.04.2005.)

(35) Seria fundamental Ø **recuperar** e Ø **construir** abrigos para a população de rua, não como meros depósitos de gente, mas como lugares onde tivessem oportunidade de uma ressocialização acompanhada de orientação e atendimento médico, nutricional, sanitário etc. (Desordem urbana. Gilberto Velho. Jornal O GLOBO, 22.01.2003.)

Detectaram-se baixíssimas ocorrências do *se*, em sentenças gerundivas, com apenas 01 ocorrência nos textos jornalísticos do PE (100 %) e do PB (50 % dos dados), como se observa em (36) e (37).

(36) Quais são, então, as verdadeiras causas do adiamento? **Tratando-se** da preocupação de não interferir com as autárquicas, não existiriam posições dúbias e paradoxais. (Raramente tem dúvidas? Cjoana Amaral Dias. Diário de Notícias, 12.09.2005.)

(37) Já houve algum ruído a respeito, e a artilharia pesada pode entrar em ação a qualquer momento, **desprezando-se**, claro, o fato de que o governo brasileiro não mexeu um dedo para aprovar o acordo e avisou aos americanos que tão cedo não haverá mesmo quorum no Senado para ratificá-lo. (A Falta que faz o general. Luiz Garcia. Jornal O GLOBO, 12.09.2002.)

Nos textos jornalísticos do PE, sete dados, em sentenças infinitivas, e um único dado, em sentença gerundiva, exibiram o *se*. Constata-se que os textos da imprensa portuguesa mantêm-se regidos pelo preceito gramatical de que cabe ao *infinitivo* e ao *gerúndio* indeterminarem o agente. Nos textos jornalísticos do PB, as baixíssimas frequências de uso do *se* em contextos não licenciados pela gramática normativa, tais como nas *sentenças não-finitas* (nas *sentenças infinitivas com apenas dois dados em 63 ocorrências e nas sentenças gerundivas com um dado em 02 ocorrências*), contradisseram as expectativas iniciais deste trabalho. Esperava-se uma evidência de que o *se* indeterminador em *sentenças não-finitas* constituísse uma mudança lingüística na direção do preenchimento do sujeito pronominal nos textos da imprensa brasileira, conforme Duarte (1995). No entanto, ocorreu o oposto. Tal fato pode sugerir que os textos confeccionados pela imprensa brasileira mostraram-se regidos pela norma consolidada nos compêndios gramaticais.

Nos textos jornalísticos do PE e do PB, observou-se um baixíssimo número de ocorrências da forma pronominal *eles* como estratégia de indeterminação do discurso. Na amostra de jornais lusitanos, detectou-se tão somente uma única ocorrência do pronome *eles* (01% dos dados, cf. tabela 1) estruturada em uma sentença não-finita do tipo raiz, como se observa em (38). Já no conjunto de textos de jornais brasileiros, localizaram-se três ocorrências do pronome *eles* (03% dos dados, cf. tabela 1), como se nota em (39).

Contexto Sintático: oração raiz

(38) E a hipocrisia da maior parte das críticas que têm sido dirigidas a esta nomeação é **ignorar** o que, verdadeiramente, deveria escandalizar na rotatividade clientelar, partidária e corporativa da escolha dos gestores públicos. (Gomes e os gestores públicos. José Antônio Lima. Jornal Expresso. 02.06.2005.)

Contexto Sintático: oração adverbial.

(39) Mesmo porque, se Lula não ganhar no primeiro turno, haverá mais 20 dias **para melarem tudo**. (Melada. Veríssimo. Jornal O GLOBO, 03.10.2002.)

#### 4.2. Presença ou ausência de preposição em sentenças não-finitas com ou sem o *se*.

Cavalcante (1999) e Duarte e Lopes (2002), ao investigarem as estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo, verificaram que a presença do *se* em construções não-finitas poderia estar condicionada à regência da oração infinitiva por preposição. Com base em tais estudos lingüísticos, resolveu-se, neste trabalho, identificar a frequência de uso do *se* em sentenças infinitas regidas ou não por preposição, como se observa na tabela 5.

SENTENÇAS INFINITIVAS COM OU SEM PREPOSIÇÃO	PRESENÇA <u>VERSUS</u> AUSÊNCIA DE PREPOSIÇÃO EM SENTENÇAS INFINITIVAS COM <u>SE</u> E SEM <u>SE</u> DO PORTUGUÊS EUROPEU		
	COM <u>SE</u>	SEM <u>SE</u>	TOTAL
+ PREPOSIÇÃO	<b>03/07</b> (10%)	17/26 ( <b>65%</b> )	20/33 (61 %)
- PREPOSIÇÃO	<b>04/07</b> (90%)	09/26 (35%)	13/33 (39 %)
TOTAL	07/33 (21%)	26/33 (79%)	33/33 (100 %)
SENTENÇAS INFINITIVAS COM OU SEM PREPOSIÇÃO	PRESENÇA <u>VERSUS</u> AUSÊNCIA DE PREPOSIÇÃO EM SENTENÇAS INFINITIVAS COM <u>SE</u> E SEM <u>SE</u> DO PORTUGUÊS BRASILEIRO		
	COM <u>SE</u>	SEM <u>SE</u>	TOTAL
+ PREPOSIÇÃO	<b>01/02</b> (50 %)	<b>37/59(62 %)</b>	38/61 (62 %)
- PREPOSIÇÃO	<b>01/02</b> (50 %)	22/59 (38 %)	23/61 (38 %)
TOTAL	02/61 (03 %)	59/61 (97 %)	61/61 (100 %)

Tabela 5: Presença *versus* ausência de preposição em sentenças infinitivas com se e sem se do português europeu e do português brasileiro.

Ao analisar a tabela 5, verifica-se que as sentenças infinitivas com o *se* se distribuem, mesmo que com baixo número de ocorrências, nas duas amostras em estudo, entre os contextos regidos (03 ocorrências no PE e 01 ocorrência no PB) e os não regidos por preposição (04 ocorrências no PE e 01 ocorrência no PB), como se verifica em (40) e em (41), respectivamente.

(40) Países como a Alemanha, a França, a Itália ou a Espanha são muito reticentes relativamente ao figurino de “hipercapitalismo concorrencial” defendido por Gordon Brown, porque entendem que para se fazer boa economia terá de haver boa política social. (Direitos adquiridos, futuro comprometido! Diário de Notícias.)

(41) Esse quadro será especialmente relevante quando se discutir, por exemplo, a reforma tributária. (A vida real. Merval Pereira. Jornal O GLOBO, 27.10.2002.)

Já as construções com o infinitivo verbal sem o *se* se apresentam regularmente distribuídas entre os contextos regidos ou não por preposição, ainda que tais construções sem o *se* evidenciem uma maior frequência de uso em ambiências sintáticas regidas por preposição na amostra do PE, com 65%, do que na amostra do PB, com 62%, como se observa em (42) e (43), respectivamente.

(42) Para ver o ânulo, é preciso estar numa estrita faixa de centralidade que atravessa o norte de Portugal Continental, vinda da Galiza. (A caminho do eclipse. Nuno Crato. Jornal Expresso, 18.08.2005.)

(43) Não é bem assim. Este é o mês das cerimônias a serem cumpridas para corresponder às gentilezas do presidente que se despede de oito anos de dois mandatos. A confirmação de convites a ministros fatalmente levaria ao choque de governos paralelos, com a sombra tapando a luz dos que limpam os armários e gavetas para iluminar os sôfregos que invadem os espaços da publicidade. (Está na hora de viajar. Villas Bôas Corrêa. Jornal do Brasil, 01.11.2002.)

## Considerações finais

Neste trabalho, levantaram-se hipóteses que, em parte, foram confirmadas. As formas *se* e *nós* mostraram-se como as estratégias de indeterminação do agente mais produtivas nas amostras de textos jornalísticos do PE e do PB. Nos textos do PE, observou-se o *se* superando o *nós*, ao passo que, nos textos do PB, o *nós* e o *se* se apresentaram em acirrada concorrência para indeterminar o argumento externo do verbo, na qual o uso do *nós* se sobrepõe ligeiramente ao uso do *se*, conforme constatado por Cavalcante (1999), em textos da imprensa carioca dos séculos XIX e XX, e por Duarte e Lopes (2002) em textos da imprensa brasileira do século XIX.

O quadro de formas pronominais nominativas de indeterminação do argumento externo do verbo mostrou-se, na amostra do PB, mais diversificado com o emprego das estratégias *nós*, *se*, *eles*, *você* e *a gente* do que na amostra do PE com as estratégias *se*, *nós*, *eles*, apresentando, inclusive, as formas *você* e *a gente* em índices percentuais muito baixos, porém que se mostraram funcionais na língua oral, conforme constatado por Almeida (1992), por Cunha (1993), por Duarte (1995) e por Berlinck *et alii* (2009). Considerando esse panorama mais diversificado de mecanismos de indeterminação do argumento externo do verbo na produção escrita da imprensa brasileira contemporânea, comprova-se o efeito da pressão normativa e dos manuais de redação, responsáveis por reproduzirem um ideal de norma lingüística, restando a implementação das formas de indeterminação produtivas na fala do PB (*você* e *a gente*).

Nos textos jornalísticos portugueses, verificou-se a produtividade do *se* apassivador a partir da relação de concordância entre o verbo e o argumento interno no plural. Nos textos jornalísticos brasileiros, não se confirmou a hipótese de que a não concordância com o argumento interno no plural seja um fenômeno crescente no PB e, conseqüentemente, não se pôde atestar a alta freqüência de uso do *se* indeterminador nas sentenças não-finitas com *se* como uma evidência de mudança de parâmetro na direção do preenchimento do sujeito pronominal no PB, conforme Duarte (1995). Na amostra de jornais do PB, verificou-se, no que se refere ao uso do *se* apassivador, o prevalectimento da relação de concordância entre o verbo e o argumento interno no plural, mesmo que com poucos dados. Tal fato lingüístico parece sugerir que a imprensa brasileira da contemporaneidade tenha se mostrado, na amostra em estudo, mais conservadora no que diz respeito à aplicação das regras gramaticais de indeterminação do argumento externo do verbo.

Nas sentenças infinitivas, a indeterminação do argumento externo do verbo se deu nos textos das imprensas lusitana e brasileira, preferencialmente, sem o *se*. Assim sendo, no que diz respeito às sentenças não-finitas da imprensa brasileira, não foi possível, neste estudo, comprovar a hipótese de que o uso do *se* para indeterminar o agente apontasse para uma mudança na direção do preenchimento do sujeito pronominal, conforme constatado por Duarte e Lopes (2002) em relação à imprensa brasileira oitocentista. Parece ter ficado claro que, nos textos jornalísticos brasileiros em análise, há a recuperação do infinitivo verbal sem o *se* como uma estratégia de indeterminação do agente adquirida no processo de aprendizagem da norma escrita padrão. Por outro lado, na língua oral, o *se*, quase extinto nas sentenças finitas, o *eles*, o *você*, o *nós* e o *a gente* apresentam-se como os mecanismos preferidos para indeterminar o argumento externo do verbo, conforme Almeida (1992), Cunha (1993), Duarte (1995) e Berlinck *et alii* (2009).

Em síntese, a ausência de *se* em sentenças infinitivas e a concordância do verbo com o argumento interno no plural nas sentenças finitas com o *se* parecem evidenciar, com base na amostra de textos confeccionados pela imprensa brasileira em análise, um maior grau de

conservadorismo em relação à norma padrão de base portuguesa apresentada nas gramáticas normativas e ratificada pelos manuais de redação brasileiros.

ABSTRACT: It describes the strategies of indeterminacy of external argument of the verb in finite clauses and non-finite Lusitanian and Brazilian newspapers of contemporary Portuguese and confronted the precepts of traditional grammar and writing manuals of the Brazilian press with the actual data indeterminacy of the subject productive in media texts. In Brazilian Portuguese, the results show, in finite clauses and non-finite, a more diversified strategies, contemplating the forms 'a gente' and 'você'. In infinitival sentences, indeterminacy is effective preferably without the 'se' in the two varieties of Portuguese.

KEYWORDS: Subject reference undetermined; Lusitanian and Brazilian press media; cultural norms in Brazil.

### Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, M. L. L. *Sujeito indeterminado na fala*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna. 2001, 715p.

BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. 101 - 187.

CAVALCANTE, S. R. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. 724p.

CUNHA, C. S. *Indeterminação Pronominal do Sujeito*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996. p. 107-125.

DUARTE, M. E. L.; LOPES, C. R. S. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE, M. E. L.;



CALLOU, D. *Para a História do Português Brasileiro, vol. IV, Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2002. p. 155-165.

GARCIA, L. *O GLOBO Manual de Redação e Estilo*. São Paulo: Globo, 29<sup>a</sup> ed. 2005. 246p.

MARTINS FILHO, E. L. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 3<sup>a</sup> edição revista e ampliada. 2005. 398p.

MATEUS, M. H. M. *et alii. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 2003.

NUNES, J. M. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 1990.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 41<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Editora José Olympio. (2001[1972]). 553p.

Manual da redação: Folha de São Paulo – São Paulo: Publifolha, 9<sup>a</sup> ed. 2005. 391p.

RECEBIDO EM 05/10/2010 – APROVADO EM 11/04/2011